

Autor: Goes

Centros Ciência Viva são exemplo de boas práticas na igualdade de género

No data em que se assinala o **Dia Internacional das Mulheres e Raparigas na Ciência**, instituído pelas Nações Unidas, decorreu nesta manhã, a partir do Pavilhão do Conhecimento (Lisboa), um debate com transmissão [online](#) organizado pelo Centro Ciência Viva em parceria com a Associação Portuguesa de Mulheres Cientistas (AMONET) com o objetivo de promover a reflexão sobre a participação das mulheres e raparigas na ciência, engenharias e tecnologias, “para inspirar as novas gerações para percursos académicos e profissionais nestas áreas”, refere o departamento de comunicação da Ciência Viva.

No âmbito deste evento foi também dado a conhecer os resultados do projeto “*W_Impact_S: Women Impact Science*”, realizado por duas investigadoras portuguesas, que procura identificar o modo como as mulheres são representadas em espaços de comunicação científica, como museus e centros de ciência. O estudo promovido pela AMONET identificou uma “*série de boas práticas nos Centros Ciência Viva que mostram a preocupação e sensibilidade destes espaços na promoção da igualdade de género na ciência e no incentivo às futuras gerações pela carreira científica, ou simplesmente pela ciência enquanto forma de pensamento*”. A sessão virtual desta apresentação aberta esteve aberta a todos os públicos, estando disponível para visualização na página www.cienciaviva.pt e em: https://www.youtube.com/watch?v=Pv29FYI0YJc&feature=emb_title

Este Centro Ciência Viva foi um dos objetos do estudo levado a cabo pelas investigadoras Mariana Soler (IHC-UE) e Isabel Lousada (CICS -UNL) – também Editora-chefe da Herança, [Revista de História, Património e Cultura](#) (Ponteditora) – que citam como boas práticas a exposição digital “*Mulheres na Ciência*”, pela “*visibilidade a investigadoras portuguesas contemporâneas, servindo de referência para meninas e jovens de que a ciência é uma opção profissional possível para todas*”. Refere-se o facto da robô Viva, anfitriã do museu, ser uma personagem feminina como uma boa prática do Pavilhão do Conhecimento, “*visto que ainda são poucas as mulheres inseridas no campo da Robótica e Tecnologia, permitindo mais uma quebra de estereótipos e mais uma ação afirmativa neste campo*”.

A sessão de abertura contou com as intervenções de Ana Noronha, Diretora Executiva da Ciência Viva e de Maria José Costa, Presidente da Associação Portuguesa de Mulheres Cientistas (AMONET).

Jovens investigadoras partilham testemunhos emotivos

Na mesma sessão de apresentação quatro raparigas portuguesas – Carolina Almeida, Joana Silva, Lara Alves e Raquel Moreira – partilharam os seus testemunhos “*sobre a forma como a ciência entrou nas suas vidas e veio para ficar*”. Sobre as jovens investigadoras, de destacar que Carolina Almeida foi a vencedora

do “Concurso de Ideias” e autora do projeto de um dos módulos expositivos do Pavilhão do Conhecimento. Joana Silva representou o Clube de Robótica do Agrupamento de Escolas de São Gonçalo. Lara Alves é membro da equipa vencedora do concurso *Cansat Portugal 2018* (promovido pela Agência Espacial Europeia) e Raquel Moreira foi vencedora da Mostra Nacional de Ciência 2019. As jovens investigadoras escolheram várias mulheres cientistas contemporâneas que as “inspiram” na prossecução da formação e investigação em Ciência, a saber: Cristina Branquinho (Ecóloga), Isabel Ribeiro (Engenheira Robótica), Zita Martins (Astrobióloga), Ana Henriques (Física de partículas) e Maria Eduarda Gonçalves (Investigadora de Direito).

Carolina Almeida encorajou as jovens investigadoras com a seguinte mensagem: *“Se queres seguir uma área das ciências (...) fica a dica: sê persistente! Sei que ainda há aquele estigma de termos de ser super inteligentes para seguir uma área científica mas a verdade é que a persistência é a chave! Segue aquilo que tu gostas, sê curioso e explora o mundo que te rodeia!”* (Fonte: Ciência Viva, 2021). Reveja em: <https://vimeo.com/510336694>

Joana Silva referiu que todos os projetos no clube de Robótica de que faz parte *“(...) tentam, de certa maneira, passar uma mensagem importante ou ajudar alguém! Como por exemplo o nosso projeto “All Together” que tentava passar a mensagem que juntos somos mais fortes e que a discriminação é algo que já não deveria existir!”* (Fonte: Ciência Viva, 2021). Reveja em: <https://vimeo.com/510336132>

Lara Alves, destacou que, recentemente teve *“a oportunidade de participar num projeto da Ciência Viva, em que juntamente com uma equipa eu tive de construir um micro-satélite! Foi neste projeto que eu percebi que a área que realmente mais me apaixonou é a área do Espaço. E por isso agora estou na Universidade e decidi começar a estudar Engenharia Aeronáutica”* (Fonte: Ciência Viva, 2021). Reveja em: <https://vimeo.com/510336457>

Já Raquel Moreira, referiu que *“estudar ciência e trabalhar com a ciência trouxe-me imensas oportunidades incríveis! Como a oportunidade de viajar para diferentes países e conhecer pessoas de todo o mundo. Portanto, se gostas de ciências e tecnologias como eu... segue aquilo que mais te apaixonou, estuda aquilo que mais te apaixonou e desperta para a ciência que te rodeia!”* (Fonte: Ciência Viva, 2021). Reveja em: <https://vimeo.com/510336073>

Boneca “Maria Ciência” é protagonista em livro infantojuvenil

Nesta iniciativa foi ainda apresentada a boneca “Maria”, cujo nome dá destaque à “portugalidade linguística”, merecendo o apelido “Ciência”. Maria Ciência é pois a protagonista do recente livro “Noite no Museu”, da autoria de Rosalia Vargas, Presidente da Ciência Viva. Este livro é especialmente dirigido ao público infantojuvenil, narrando um conjunto de “aventuras” da boneca Maria Ciência “cheias de conhecimento”.

Dia Internacional das Mulheres e Raparigas na Ciência

O Dia Internacional das Mulheres e Raparigas na Ciência foi instituído em 2015, pela Assembleia-Geral das [Nações Unidas](#) com a aprovação da resolução A/70/474/Add.2, que define como objetivo da data “*apoiar e promover o acesso das mulheres e raparigas à educação, formação e atividade de investigação científica, tecnológica, de engenharia e matemática*”. As Nações Unidas (2021) referem que o atual contexto pandémico (COVID-19) veio demonstrar a importância das mulheres investigadoras, destacando “*o papel crítico das mulheres investigadoras em diferentes estágios da luta contra o COVID-19, desde o avanço do conhecimento sobre o vírus até o desenvolvimento de técnicas de teste e, finalmente, a criação da vacina contra os vírus*”.

Atualmente apenas cerca de 30% dos investigadores de todo o mundo são mulheres. De acordo com os dados disponíveis da UNESCO (2014-2016), também apenas cerca de 30% das jovens estudantes selecionam áreas relacionados com as Ciências, Tecnologias e Engenharias para prossecução dos estudos no ensino superior. Globalmente, a matrícula de jovens mulheres é particularmente baixa nas Tecnologias da Informação e Comunicação (apenas 3%), enquanto que as Ciências Naturais, Matemática e Estatística merecem a escolha da 5% do universo escolar feminino. Já as Engenharias e a Construção recebem 8% das estudantes (Fonte: Nações Unidas, 2021).



Adolescente conduz uma experiência durante a aula de Química na Escola Secundária de Kamulanga em Lusaka, Zâmbia.
Foto:UNICEF Photo/UN0145554/Karin Schermbrucker

Fontes:

- Ciência Viva (2021). Disponível em: <https://www.cienciaviva.pt/divulgacao-cientifica/dia-internacional->

[raparigas-mulheres-2021](#)

- Nações Unidas (2021). Disponível em:

<https://www.un.org/en/observances/women-and-girls-in-science-day/>

Imagem de capa: D.R. Cortesia da organização Ciência Viva / AMONET; **Foto de artigo:** D.R. Cortesia UNICEF Photo/UN0145554/Karin Schermbrucker

Data de Publicação: 11-02-2021